

OUTROS HUMANOS - PARTE II

UM MUNDO DIVIDIDO ENTRE SAPIENS E NEANDERTAIS

Por Euder Monteiro.*

Na primeira parte deste texto, escrevi sobre as várias espécies humanas que conviveram com o *Homo sapiens* na pré-história. Vale lembrar: quando nossa espécie surgiu, existiam outras 4 espécies do gênero *Homo*: *Homo neanderthalensis*, *Homo floresiensis*, *Homo erectus*, “Mulher X” (espécie ainda não nomeada, identificada apenas por estudos genéticos).

Também na primeira parte, tratou-se sobre as espécies humanas ou pré-humanas mais antigas, que não conviveram com o *Homo sapiens*, mas que podem ser nossas ancestrais ou ramos extintos de nossa árvore genealógica, a saber: *Homo heidelbergensis* (ancestral comum entre os *sapiens* e os neandertais), *Homo rudolfensis*, *Homo antecessor*, *Homo ergaster*, *Homo habilis* (provável ancestral comum de todas as espécies do gênero *Homo*). Também comentou-se rapidamente sobre o gênero que antecedeu ao *Homo*: os *Australopithecus* e suas várias espécies (*Australopithecus afarensis*, *Au. africanus*, *Au. anamensis*, *Au. garhi*, *Au. bahelghazali*, e outras). Os australopitecos eram, em suma, macacos bípedes ou semi-bípedes, com capacidade intelectual semelhante à de um chimpanzé atual.

A primeira parte deste texto foi necessária para familiarizar o leitor com um mundo diferente. Com um tempo em que não éramos os únicos primatas bípedes. Pelo contrário, dividíamos o planeta com diversas espécies irmãs. Hoje, ainda temos espécies muito próximas de nós, como os chimpanzés (*Pan troglodytes*) e bonobos (*Pan paniscus*). No entanto, tais espécies caminham sobre os pés e os nós dos dedos das mãos. Apenas eventualmente caminham como bípedes. Além disso, o nível de inteligência dessas espécies é semelhante ao dos Australopitecos. Por isso, a solidão atual de nossa espécie não é aplacada pela existência desses interessantes animais.

A convivência com os neandertais:

Muito mais interessante deve ter sido a convivência entre o *Homo sapiens* e o *Homo neanderthalensis*, que perdurou por pelo menos 30.000 anos. Provavelmente não foi inteiramente pacífica, apesar dos últimos estudos genéticos comprovarem algum fluxo de genes entre as espécies (cruzamentos). No entanto, foi a mais formidável de todas, porque houve também troca cultural.

A cultura dos neandertais, conhecida como Mousteiriense (os primeiros artefatos neandertais foram encontrados na região francesa de “Le Moustier”, em 1860, daí a origem do nome da cultura neandertal), em seu apogeu, provavelmente sofreu certa influência das primeiras culturas do *Homo sapiens*, conhecidas como Aurignaciana e Acheuliana. As culturas *sapiens* eram mais desenvolvidas e já apresentavam constante aperfeiçoamento e, ao que parece, os neandertais não conseguiram imprimir à sua cultura o mesmo ritmo de desenvolvimento. Na verdade, não há indícios sequer de que eles entraram em nosso mundo de símbolos e pensamentos metafísicos. Talvez eles não tenham tido tempo para isso, tendo em vista que se extinguíram em um tempo relativamente curto. Ou, talvez, sua constituição intelectual não era suficiente para tamanho avanço, apesar de seus cérebros serem, em média, maiores que os dos *sapiens*. O volume médio do cérebro, por si só, também não é uma informação crucial, a inteligência também está relacionada com a relação entre o tamanho do cérebro e do corpo e, principalmente, com a arquitetura interna desse órgão tão complexo.

De qualquer forma, após quase 150 anos estudando os neandertais, os paleoantropólogos são capazes de dizer que eles, aos poucos, foram perdendo seus domínios no Oriente Médio e na Europa. O último refúgio neandertal foi a Península Ibérica, até a extinção da espécie há uns 30.000 anos. Os *sapiens*, aos poucos, foram ocupando essas terras, até dominarem todas elas.

O fluxo genético comprovado entre as espécies pode ser encontrado apenas em pessoas de origem européia e asiática, tendo em vista que os ancestrais dos africanos não entraram em contato com os neandertais. Esse fluxo flutua em torno de 1% a 4% do genoma, indicando que os cruzamentos inter-espécies não eram freqüentes (segundo os últimos estudos do geneticista sueco Svant Pääbo). No entanto, vale dizer que os estudos genéticos ainda não terminaram. Aproximadamente 60% ou 70% dos genes neandertais foram mapeados até agora e, após o término desses estudos, saberemos com maior precisão o fluxo genético exato.

O mais importante então é considerarmos que parte do mundo, durante 30.000 anos (de mais ou menos 60.000 até 30.000 anos atrás) estava dividido entre duas espécies humanas que coabitavam parte da Europa e do Oriente Médio, principalmente. Com certeza, nossos ancestrais nem se deram conta desse fato, tendo em vista que não possuíam conhecimentos necessários para esse tipo de classificação científica. No entanto, devem ter percebido que não estavam lidando com pessoas iguais a eles.

Como já foi relatado na primeira parte deste texto, os neandertais eram humanos diferentes: mais baixos (no máximo 1,60m), com crânios maiores e voltados para trás (e não para cima como os nossos), ossos mais volumosos, maior força muscular, ausência de testa, ausência de queixo, pele muito mais clara (os *sapiens*, originários da África, eram todos mais escuros), quadril mais largo, pernas e braços muito curtos, protuberâncias supra-oculares (massa óssea sobre os olhos, que formavam uma espécie de viseira) e outras diferenças anatômicas. Tais diferenças certamente devem ter causado certa estranheza de ambas as partes. Podemos imaginar, com facilidade, o que sentiram nossos ancestrais ao se depararem com essa espécie irmã.

Mais difícil é imaginar o que sentiram os neandertais. A aparência do *Homo sapiens*, para eles, deveria ser um tanto infantil, tendo em vista que não possuímos as protuberâncias supra-oculares, da mesma forma que não as possuíam (ou possuíam em menor grau) as crianças neandertais. No entanto, nossa enorme testa e nosso queixo proeminente, com certeza, seriam horríveis do ponto de vista deles. Seria como se os sapiens tivessem um inchaço sobre cabeça uma inexplicável saliência embaixo da boca. A pele escura causaria o mais alto grau de espanto, tendo em vista que os neandertais eram realmente brancos, pois habitavam uma região com muito baixa incidência solar. Nossa fraqueza muscular seria para eles um trunfo, porém, nossa grande inteligência, principalmente a capacidade de estratégia, seria uma enorme e definitiva **desvantagem** (=> **vantagem para nós**). O simples ato de sentar-se no chão e desenhar a estratégia de guerra, tramando a melhor forma de destruir os adversários seria algo inalcançável para os neandertais, que não dominavam a capacidade de pensar simbolicamente.

Aos poucos, a cultura *sapiens* ficou mais e mais elaborada. Surgiram pinturas corporais, armas mais poderosas, como as lanças, além de barcos, etc. Alguns paleoantropólogos (como Richard G. Klein) acreditam que o *Homo sapiens* passou por uma mutação genética há uns 50.000 anos atrás que teria modificado sua arquitetura cerebral e permitido o desenvolvimento sem precedentes da cultura e o contínuo aperfeiçoamento dos artefatos tecnológicos. Outros paleoantropólogos acreditam que essa capacidade nasceu com o *Homo sapiens*, há aproximadamente 200.000 anos e, há apenas 50.000 anos, na África, encontrou condições favoráveis para se desenvolver plenamente, **quando o clima da Terra teria se tornado mais propício** (=> **quando as condições gerais do habitat praticamente exigiram esse desenvolvimento sob risco de extinção da espécie**). De qualquer forma, é certo que o *Homo sapiens* passou milênios sem desenvolver sua cultura, vivendo de forma análoga às demais espécies humanas.

Vale dizer que a primeira espécie humana (*Homo habilis*), que viveu há uns 2 milhões de anos, já era capaz de construir ferramentas de pedra lascada (estilo de Olduvai). Eram muito toscas, mas

estavam em um grau inalcançável para um chimpanzé atual, por exemplo. Um milhão de anos depois, outras espécies (*Homo ergaster* e *Homo erectus*) conseguiram um grande avanço, passando a utilizar ferramentas de pedra polida e, talvez, dominando o fogo. No entanto, foi necessário mais **1 milhão de anos (=> 400 mil anos [o heidelbergensis parece ter surgido há 600 mil anos])** e o surgimento de outra espécie (talvez o *Homo heidelbergensis*), para que as ferramentas de pedra polida passassem por outro ligeiro aperfeiçoamento.

Mais ou menos **300.000 anos atrás, surgiram os neandertais [os números acerca do neanderthalensis são muito controversos devido à técnica de datação utilizada ser a correlação fáunica; o fóssil mais antigo certamente pertencente a um neandertal data de 175 mil anos]**. Com eles, surgiu um grande avanço na capacidade de lidar com climas muito frios, com roupas de pele, controle total do fogo, vida familiar e social muito avançadas, além de outras grandes avanços tecnológicos. No entanto, faltava aos neandertais um último grande salto, aquele salto que os teria permitido competir de igual para igual com os *sapiens*: a capacidade de pensar simbolicamente, metafisicamente e, sobretudo, uma capacidade de criatividade em todos os setores.

Um mundo realmente dividido:

Utilizando-se então dessa capacidade que temos (criatividade), vamos imaginar o que aconteceria se os neandertais tivessem alcançado nosso estágio cultural e, com isso, tivessem evitado sua extinção, mantendo sua convivência conosco até hoje.

Caso isso tivesse ocorrido, muito provavelmente, toda Europa e, talvez, grande parte da Ásia e do Oriente Médio seriam habitadas por neandertais hoje em dia. A África e, talvez, alguns pontos da Ásia, seriam habitados por *sapiens*. O mais provável é que os neandertais tivessem colonizado as Américas, tendo em vista o clima frio da Sibéria e do Alasca, onde ficava a passagem que possibilitou a colonização desse continente. O Oriente Médio, para variar, seria um ponto de tensão constante, porque seria nessa região onde as duas espécies provavelmente teriam as fronteiras de seus domínios.

A região conhecida como crescente fértil (porção de terra mais ao norte do Oriente Médio) seria disputada com força pela primeira espécie que dominasse a agricultura. Aliás, os avanços tecnológicos conseguidos por cada espécie, provavelmente, seriam guardados como segredos de cada raça. E o racismo alcançaria talvez o último grau de intolerância e morbidez, tendo em vista que, realmente, haveria motivos para cada espécie considerar-se diferente da outra.

Tendo em vista a grande força física dos neandertais (inclusive das suas mulheres), os *sapiens* não teriam chance em uma luta corporal e, talvez por causa disso, poderiam perder grandes nacos de terras para eles. No entanto, a espécie que primeiro entrasse na era do bronze, teria uma grande vantagem. O domínio do bronze e de outros metais possibilitaria a construção de espadas, armaduras, escudos e machados imbatíveis. Arrisco-me a pensar que a primeira espécie a dominar o bronze seria capaz de exterminar a outra, assim como os espanhóis foram capazes de quase exterminar os ameríndios nos séculos XVI e XVII (os espanhóis dominavam não apenas a tecnologia para construir espadas, como também já possuíam armas de fogo rudimentares).

Caso ambas as espécies continuassem a existir até os tempos atuais, com certeza, o mundo seria muitíssimo diferente. Poderíamos viver em um mundo realmente dividido entre domínios neandertais e domínios *sapiens*. Essa convivência poderia levar uma das duas espécies à situação de escravidão ou, pior, a uma situação de guerra contínua ou de equilíbrio tenso (como foi a guerra fria no século XX). Também seria possível uma situação de mistura racial, principalmente nas fronteiras dos territórios, o que poderia gerar uma nação híbrida de caracteres imprevisíveis. Outra possibilidade seria uma das espécies sobrepujar fortemente a outra em termos numéricos e

tecnológicos, relegando a outra a um bolsão de limites tensamente demarcados.

A única certeza que se poderia ter seria em relação a nossos pensamentos científicos. As fortes diferenças anatômicas seriam evidentes e obrigariam a ciência (dos neandertais ou dos *sapiens*) a reconhecê-las como importantes. O instituto do Bem-Comum, um dos pilares de nosso pensamento jurídico e filosófico, seria mais complexo, uma vez que poderia abranger as duas espécies ou não. Teríamos implicações religiosas relacionadas à “imagem e semelhança” do Criador. Teríamos ainda uma infinidade de outras complicações de ordens moral, econômica e política.

Enfim, uma humanidade composta por mais de uma espécie teria o potencial de elevar os conflitos étnicos, que já são consideráveis, a um grau imprevisível.

Mais interessante ainda, seríamos imaginar se alguma espécie australopitecínea (os macacos bípedes do primeiro texto) ainda sobrevivesse, porque deixaria evidente um contínuo evolutivo entre os grandes primatas atuais e o *sapiens*. Sobre esse tema, remeto o leitor à terceira parte deste texto. [=> não quero cortar o seu barato, mas achei esse parte totalmente desnecessária e um risco muito grande por pouco. A análise da história da humanidade nos permite concluir que nenhuma das subespécies teria sido extinta e depois de milhares e milhares de anos a miscigenação seria muito grande, certamente muito maior do que a que ora se observa entre amarelos, brancos e negros. Quanto à possibilidade de predomínio de uma espécie sobre a outra em termos de conquistas vale a pena dar uma lida em Armas, Germes e Aço de Jared Diamond]